

M 704
Monteiro, vol. 65
RN 30

M 704

30-1-60- C 6/6

A CRÔNICA de Rubem Braga

VEJO-A NO BAR...

VEJO-A NO BAR, e fico triste. A tristeza de não gostar mais é uma tristeza vazia e vil. A ex-amada não tem culpa nenhuma; continua a mesma, com sua beleza e seu jeito de ser; talvez melhor. Sua substância é a de sempre; o imã continua a ser um óxido de ferro, mas perdeu, em relação a nós, o seu poder de atrair. Explicação não há nenhuma: a cor dos olhos é a mesma, a curva dos ombros, também, e o sestro de encolher um dêles quando ri.

Mas onde está aquela graça infinita que nos encantava? Outros homens, atentos, a cercam, e sentimos como estão fascinados. Temos quase saudade da primeira vez que a vimos assim, na penumbra de um bar; temos quase inveja dos que a conhecem agora, e sentem o que um dia sentimos. Mas provamos apenas uma entendida melancolia — e, o que é horrível, bocejamos.

O caso dessa menina que suava em côres me deixou espantado. Não com a menina: com o Brasil. Jornalistas, médicos, policiais e magistrados mobilizaram-se gravemente, falaram em patologia, mistificação, mitomania...

No fim, essa menina é uma personagem de Monteiro Lobato, uma daquelas meninas que pregam sua mentirinha e não tem culpa de que a levem tão a sério. Ela esfregou na perna o pedaço de papel colorido de um papagaio rasgado; uma reinação, uma brincadeira de menina do interior que acabou em história federal.

Acho que no Brasil nós perdemos o jeito de achar graça — e estamos, gravemente, emburrecendo.